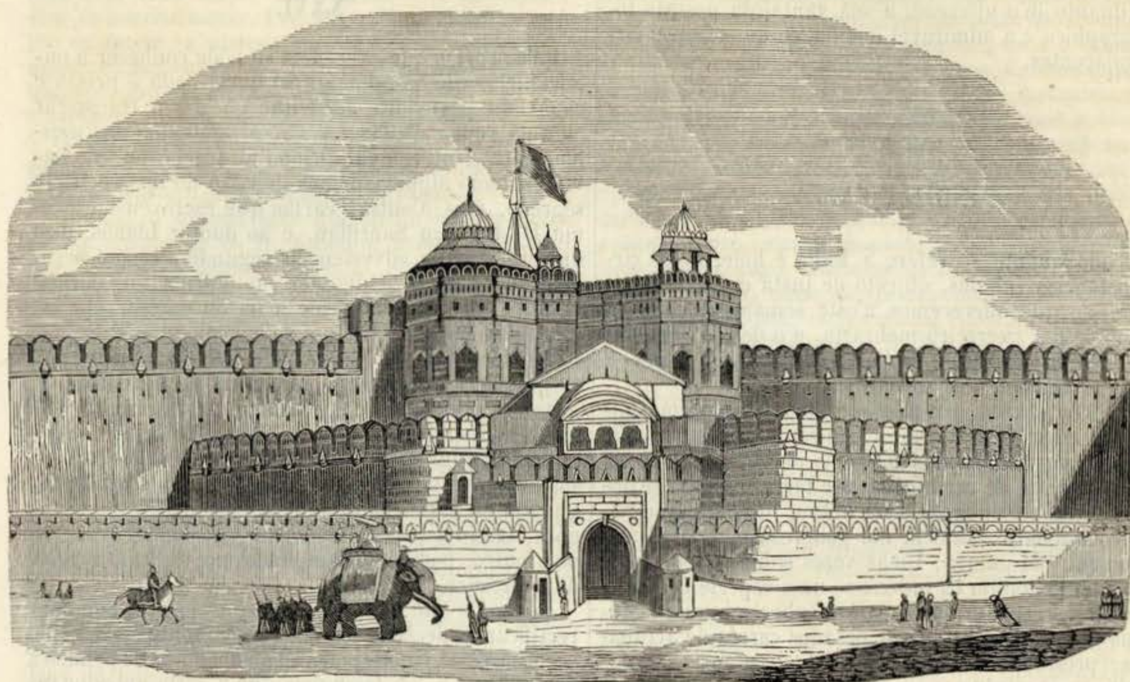


A cidade de Agra. — Gravura de Coelho Junior. (India)

Antiga capital de uma vasta provincia do Indostão, Agra ou Agrah, como outros escrevem, é ainda uma das mais importantes cidades da Asia, tendo já sido das mais formosas e opulentas do mundo.

Situada em 75° 33′ de longitude E, e 27° 11′ de latitude norte, Agra, formando uma especie de crescente, estende-se donosa por espaço de sete milhas pelas amenas e ferteis margens do Djemah ou Djumna, contando, apesar da sua notavel decadencia, cerca de 100:000 habitantes, segundo as mais recentes estatisticas.

É magnifico e imponente o exterior d'esta grande povoação asiatica. Aos olhos do viajante maravilhado ostentam-se por todos os lados muralhas de granito vermelho, coroadas de ameias de um estilo elegante, mais azadas a ornar que a defender, elevadas torres de variadissimas fórmas e dimensões, agudos e arrendados minaretes de innumeras mesquitas, graciosas arcarias, soberbos palacios, tudo em fim denunciando uma apurada civilisação e um instincto artistico muito para admirar.

O interior das cidades da India não corresponde, porém, quasi nunca á magnificencia exterior; mas posto que Agra não seja inteiramente uma excepção a este respeito, conserva mais vestigios do passado esplendor que as suas irmãs. Notaremos a grande praça do palacio, povoada de frondosas arvores, e em que ha um mercado tres dias cada semana.

Uma bella galeria torneia esta ampla praça, na qual se entra por seis arcos triumphaes, em que vão terminar outras tantas ruas. O palacio, em que já habitaram os grão-mongoes, é um prodigio de riqueza e de architectura, e a simples descripção d'este monumento encheria volumes. Entre as mesquitas, aponta-se a que está edificada na cidadella, por exceder em grandeza e perfeição architectonica todas as outras da Asia, e até a celebrada mesquita de Solimão em Constantinopla.

Em tumulos sobreleva Agra até a propria Delhi; não ha na Europa construcções que possam dar idéa da luxuosa elegancia dos tumulos dos imperadores e pessoas mais notaveis d'aquella parte do mundo; são muitos os que existem em Agra; distingue-se comtudo entre todos o mausoleu da imperatriz Nour-Djehan-Beigoum, por ventura o mais bello edificio d'este genero que existe no universo.

Grande parte d'estas obras, que deixam hoje absorto o forasteiro ainda o menos prevenido, devem-as Agra ao animo magnanimo do imperador Atcbar.

Agra foi a capital do imperio dos grão-mongoes desde 1504 até 1604; tomada pelos mahrattas em 1784, caíu em poder dos inglezes no anno de 1803, constituindo de então para cá os estados de Agra parte da presidencia de Calcuttá.

O que será Agra no futuro não é dado a nós prevel-o; a julgar, porém, pelos auspiciosos symptomas de animação e de vida que se observavam n'esta grande cidade, póde ao menos



Guerreiro mahratta.

alimentar-se a esperança de que Agra, quando não recupere a perdida supremacia, crescerá todavia em prosperidade e importancia economica e politica, tanto quanto lh'o afiançam a sua vantajosa posição topographica e a admiravel fertilidade dos campos circumjacentes.

P.

INDIA INGLEZA.

Tudo quanto se refere á India é hoje, pelas circunstancias sabidas, objecto de justa curiosidade; é por isso que offerecemos n'este semanario os desenhos de um guerreiro mahratta, e o de um elephante do reino de Oude, apparelhado, como é de uso, e com os competentes cornacas.

Talvez alguem estranhe que nós consideremos digno de especial memoria, n'esta conjunctura, o monstruoso mammifero das margens do Ganges. Tal reparo, porém, de certo cairá por terra, quando se observe que o elephante, esse nobre, intelligente e pacifico animal é tambem um poderoso e terrivel instrumento de guerra. Umas vezes sobre o seu amplo costado levantam os indigenas uma especie de torre, d'onde assetteiam ou disparam sobre o inimigo; outras vezes fazem-no puxar pesados carros de artilharia; prestando assim grandes serviços aos exercitos belligerantes n'um paiz onde são pouco vulgares as bestas muares, que mais usualmente se empregam n'este mister.

Tanto se reconheceu a utilidade do seu aproveitamento na guerra, que a companhia britannica já determinou a acquisição de grande numero de elephantes, convenientemente adestrados, para servirem na actual campanha.

Passemos agora ao objecto da outra gravura.

Os mahrattas, que são uma das mais nobres raças da India, habitavam primitivamente nas montanhas de Vindhya e nos Gattgs occidentaes ao NO. do Decan; mas, depois da morte de Aureng-Zeib, e no reinado de Mohammed-schah (1718—1747), sujeitaram a maior parte da India mediata ou septentrional, entre a provincia de Agra, ao N. e a de Kistnah ao S., occupando de um a outro mar. Eram as suas possessões divididas em diversos estados, todos unidos n'uma especie de federação.

Depois do saque de Delhi por Nadir-schah, marcharam os mahrattas contra o grão-mongol. Tomaram-lhe a capital (1760), e tentaram substituir-se ao seu dominio na India. Estorvou-lh'o, porém, a victoria sobre elles ganha pelos affghans, em 1761, no sitio de Panipet.

De 1774 a 1784 andaram constantemente envolvidos em cruentas guerras, já com os affghans, já uns com os outros. Morto Tipoo-Sahib, e conquistada Maissour pelos inglezes, forcejaram os mahrattas por oppor-se aos progressos das armas dos valorosos e perseverantes filhos de Albion; não obtiveram, comtudo, outro resultado senão apressar a sua ruina e a perda da sua existencia politica, que se consummou em 1818, sendo todos os seus estados encorporados nos que constituem o colossal imperio anglo-britannico na Asia.

Um novo theatro, com a presente lucta, se offerece ao incontestavel valor dos mahrattas; grande parte dos soldados que seguem as bandeiras do sanguinario Nena-Sahib são mahrattas, e de certo não são os menos temiveis inimigos que a Inglaterra tem a combater.

P.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

XXVI.

Pelas cartas que precedem se póde conhecer a importancia, que geralmente se havia dado á prisão e causa do pasteleiro, logo que chegou a transpirar alguma cousa d'ella; e o auctor anonymo das mesmas cartas, ou estava iniciado no trama, ou lh'o havia confiado alguma pessoa debaixo do mais estricto segredo, pois n'outras cartas que escreveu ao mesmo D. Rodrigo Santillan, e ao doutor Llanos, diz: que irá fazendo advertencias segundo o caso o peça, mas que não se afadiguem em descobril-o, porque fallando não poderia dizer mais do que diz por escripto, pois ha cousas que se sabem como se se não soubessem. Os juizes, comtudo, não descontinuaram as pesquizas. Prenderam um que fôra pagem de D. Antonio, e um frade trinitario. Interrogados e postos a tormento, o primeiro nada confessou, e o segundo averiguou-se ser secular, francez de nação, soldado que se achára na defesa de Antonio Perez, quando foi arrancado das mãos da justiça em Saragoça, sendo depois salteador na Catalunha. Nem um nem outro, porém, tinham nada que ver com a causa do pasteleiro.

Por mais que ambos os juizes se esforçassem por rectificar as declarações dos presos, tanto civis, como ecclesiasticos, jámais poderam demovel-os da primeira declaração; e, ou fosse pelo que a carta anterior indica, ou por outra causa, não se atreviam a dar tormento aos tres principaes processados, apesar da boa vontade que D. Rodrigo tinha de pôr no potro Espinosa, para ver se acabava de confessar quem era. Consultaram-no em fim com Filippe II, que sempre os auctorisou a sujeitarem a essa prova o eremita e o pasteleiro. Mal receberam esta ordem, D. Rodrigo Santillan mandou trasladar o pasteleiro a Madrigal, e o doutor Llanos preparou o tormento para o frade. Prompto tudo, e prestes os verdugos, idos para isso de Valladolid, tomaram primeiro o frade, que com a prisão e trabalhos estava em extremo fraco e abatido.

— Vamos, frei Miguel, (lhe disse com tom grave o doutor Llanos) ministros do Deus da verdade não devem esperar por estas provas para a confessarem. Espero que a confessareis voluntariamente, porque já é tempo de terminar este negocio.

— A verdade não póde ser senão uma (respondeu frei Miguel). Essa disse-a, tal qual é, nas minhas anteriores declarações. Nada tenho que accrescentar.

— Olhae, padre, que se o juramento prestado, e o temor da vossa consciencia não são bastantes, o potro que tendes á vista, e as voltas que vos darão os verdugos, vol-a arrancarão, ainda que vos pése.

— Os tormentos e a morte poderão abbreviar-me a vida, que já não podia ser longa; mas não me farão confessar mais do que o que disse, porque é a verdade. Diante de Deus protesto que, se outra cousa disser em meio das dores, não será a verdade, mas o que eu vejo, que quereis que eu confesse.

Depois d'estas palavras resolutas de frei Miguel, o juiz fez um signal aos verdugos, que despojaram o velho dos seus habitos, e o amarraram ao potro. Antes de começarem a apertar as cordas, tornaram a interrogal-o, mas em vão. Então se lhe começou a dar o tormento mais atroz que jámais se vira. Os cordeis tinham-lhe já retalhado braços e musculos: o sangue escorria abundante por todo o potro. O frade, com o valor d'um moço, soffria e exclamava:

— Meu Deus! se disse a verdade, porque me tratam tão barbaramente? Morrerei, mas nada mais tenho que declarar.

Até o proprio juiz parecia commovido á vista de

tanto padecer. Quiz fazer um ultimo esforço. Mandou que dobrassem o tormento, e apertassem os cordeis com mais força. Os padecimentos multiplicaram-se horrivelmente. Frei Miguel sentiu fallecerem-lhe as forças, e abandonal-o o valor. Preferindo a morte d'uma vez, a um padecer tão barbaro e prolongado, gritou com desesperação:

— Desatem-me, que direi quanto souber!

O juiz mandou que immediatamente o tirassem do potro, e lhe subministrassem cordiaes. Logo que o frade se viu um pouco reanimado, disse:

— Todo o mundo sabe que desde muitos annos fui intimo amigo de D. Antonio, prior do Crato, e que, depois da morte d'el-rei D. Sebastião, fui dos seus mais acerrimos partidarios. Quando foi vencido e expulso do reino, quando as tropas de Filippe II occuparam Portugal, fui preso e conduzido a Castella, levando no coração a magoa de ver occupado o throno de Portugal por castelhanos, a quem aborrecia. Desde então resolvi no meu interior fazer todo o possivel pela liberdade da minha patria, e pela elevação de D. Antonio, amigo meu. Concebi a idéa grandiosa de fazer apparecer um dia el-rei D. Sebastião, ou, para melhor dizer, quem o representasse ao vivo, para seduzir os povos, allucinal-os com a apparição do seu rei, e á sombra d'este rei fingido collocar no throno o prior do Crato. Trabalhando na minha idéa, comecei a inventar successos e anecdotas, que tinham acontecido a el-rei D. Sebastião depois da batalha d'Africa, e a dar-lhes publicidade, tanto pela palavra, como pela escripta. Surtiram o effeito que desejava, isto é, que muitos duvidassem da sua morte. A casualidade fez que el-rei me mandasse para Madrigal, e me encarregasse da direcção da consciencia de D. Anna, a quem achei tão innocente e sincera, que não me foi difficil fazer-lhe acreditar que seu primo vivia.

Os leitores conhecem já a maior parte dos factos, e os meios de que o frade se serviu para enganar a ingenua religiosa. Não os cançaremos repetindo-lhes o que já sabem. Da declaração de frei Miguel só tomaremos agora quanto baste a explicar o que não está bem definido, manifestar suas intenções, e a ordem e urdidura da conjuração.

— Havendo encontrado n'aquella senhora (proseguiu frei Miguel) apoio mui forte, e elemento mui util á minha idéa, quasi que nada mais me faltava senão o homem que havia de representar o papel de rei. Para isso era indispensavel sujeito desembaraçado, de talento, de travessura, e ao mesmo tempo dignidade, bastante docil para prestar-se á minha inspiração, e que na sua figura e disposição de corpo tivesse alguma similhança com el-rei. Nenhuma das pessoas em que puz olhos me pareceu competente. Apresentou-se-me em fim em Madrigal Gabriel de Espinosa, a quem conhecêra militando em Portugal. Comecei o engano: consegui attrahil-o, e por fim fazer d'elle o protogonista do meu drama, e o mais interessado no assumpto. Prometti casal-o com D. Anna; fiz com que ella conviesse n'isso; e tel-o-hia verificado, porque isso era o apoio mais forte do meu plano; pois casada D. Anna com o pasteleiro, e publicado isso em Portugal, ninguem acreditára que tão nobre senhora lhe dera a mão, sem se ter convencido bem de que elle era el-rei D. Sebastião. Logo, pois, que me apossei do que tinha de representar o papel principal, e tive o plano bem combinado, avisei de tudo D. Antonio, que então estava em França, pedindo-lhe que viesse a Madrigal para irmos de accôrdo, e não confiar isso ao papel, que é causa de tantas perdas. Com a sua vinda consegui duas cousas, acabar de ensoberbecer e determinar o pasteleiro, e combinar no plano que era o seguinte. Logo que Espinosa estivesse sufficientemente instruido no papel que tinha de representar, devia partir d'alli fingindo um negocio interessante. D. Anna, que estava já d'antemão preparada e convencida de que havia de fazer uma romaria ao Santo Christo de Burgos, sairia de Madrigal com esse fim, eu a acompanharia, e em logar de irmos a Burgos, Espinosa, que partira adiante a preparar o necessario, nos sairia ao encontro, e a conduziriamos a França, onde a obrigariamos por bons modos a dar a mão de esposa a Espinosa. Verificado o casamento, D. Antonio poria em movimento seus amigos de Portugal, que publicariam a apparição do seu rei, e começariam a levantar o povo, sempre disposto a isso, porque soffria com tedio o jugo e dominação castelhana. Os amigos de França, entre os quaes contavamos Antonio Perez, e Vandoma, escreveriam, e fariam vulgarisar a noticia da apparição de D. Sebastião, apoiando-a com a sua auctoridade. Eu havia escripto muitas cartas para esse fim, e determinava escrever outras, segundo as circunstancias o exigissem. Quando tudo estivesse disposto, Espinosa devia apresentar-se em Portugal, onde, se se errasse o golpe, seria victima; mas se pelo contrario saisse bem do trama, logo que estivesse no throno, ou antes, se isso conviesse, desappareceria d'elle, e D. Antonio iria occupar o seu logar. A epocha de verificar a apparição e levantamento devia ser pela morte do senhor D. Filippe II, que a calcular, tanto pela sua edade, como pelos seus muitos achaques, não podia estar mui distante. Já se começava a pôr em execução o projectado. Para isso havia saido Espinosa de Madrigal. Chegando a Valladolid foi preso. O que succedeu depois, e como o plano se frustrou, já vossa mercê o sabe.

Assim concluiu o frade a sua declaração, com a qual nada deixou a desejar aos juizes. Até delatou quantos complices tinha em Portugal e outras partes! N'esta parte, em attenção ás pessoas, segundo diz, cala o nome d'ellas o manuscripto que serve de guia a esta chronica, até que por sentença judicial fosse declarada sua culpabilidade. Os juizes mandaram conduzir ao carcere o exhausto eremita: prodigalisaram-lhe os auxilios necessarios para o curarem dos padecimentos do tormento barbaro que soffrêra.

A frei Miguel seguiu-se Espinosa. Á ameaça do tormento, se não confessasse tudo, disse aos juizes que exorbitavam das faculdadss que tinham, pois era impossivel que el-rei mandasse pôr a tormento um homem honrado como era. Entretanto não attenderam aos seus protestos, e os verdugos o estenderam no potro e começaram a operação. Não foi necessario dar-lhe muitas voltas. Logo ás pimeiras gritou, que diria quanto soubesse. Os juizes mandaram soltal-o, e sem que ninguem, segundo parecia, lhe tivesse dado conta da confissão de Frei Miguel, exclamou arrancando um profundo e doloroso suspiro:

— Ah! frade! frade! Se te não condemnasses, não te condemnaria eu, nem bastariam os tormentos para fazer-me dizer mais do que já dissera, que não elles, mas o teu pouco animo me obriga a dizer o que te custará mui caro, pois a mim não póde custar-me mais do que me custára o que havia já confessado!

Depois d'isto Espinosa fez confissão em tudo conforme ao que os leitores já sabem, até á declaração feita por frei Miguel no tormento, excepto a intenção que havia de se descartarem d'elle, e o que tocava á vinda de D. Antonio a Madrigal, do que não tinha noticia, nem havia receado o laço que lhe armavam. Tornando a ser interrogado sobre o seu nascimento, respondeu o mesmo que nas anteriores declarações, sem que, por mais diligencias que fizeram os juizes, podessem averiguar outra cousa, nem depois se tenha sabido que homem era.

XXXVII.

Logo que pelas duas declarações d'ambos os réos, que varias vezes se rectificaram, se soube inteiramente a verdade, passaram os juizes á cella de D. Anna com o fim de desenganal-a, e fazer-lhe conhecer o enredo em que a tinham envolvido. Leram-lhe as declarações d'ambos, e mostraram-lh'as assignadas. Entretanto a monja respondia:

— Não, não é possivel! Essas assignaturas são falsas, ou extorquidas pela violencia!

— Senhora (lhe tornou o doutor Llanos) nós, ministros da justiça, somos incapazes de fazer o que imaginaes. Estas declarações são dos proprios presos: estas assignaturas são d'elles, e o que acabaes de ouvir é a verdade dos factos.

— Tudo acreditaria.... mas frei Miguel!... esse homem tão santo!....

— Pois é effectivamente o principal auctor do enredo: é da hypocrisia d'esse homem que tendes sido victima, senhora.

— Como é possivel!... Homem que me não fallava senão de virtude, de moralidade, de temor de Deus! pois esse homem!...

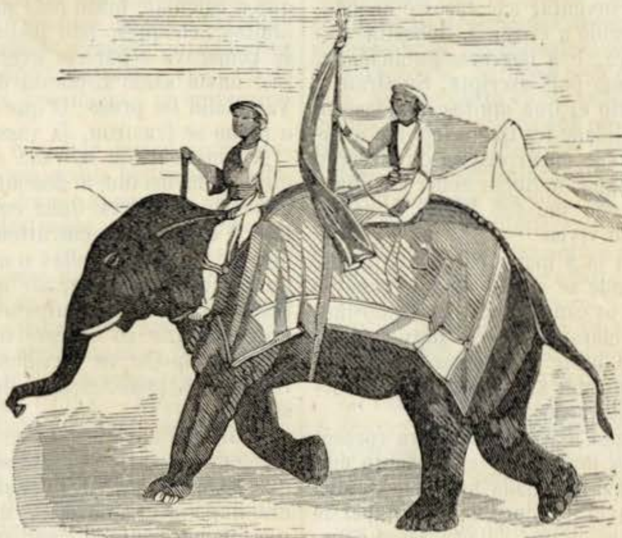
— Não duvideis. Enganou-vos; e graças ao ceo, que o não deixou consummar o seu delicto; se não, a estas horas estarieis ligada para sempre a um homem vil, cuja vida talvez seja um tecido de crimes.

D. Anna acabou de comprehender o abysmo, á borda do qual estivera, e caiu como fulminada pelo raio. Os juizes e demais pessoas, que alli estavam, subministraram-lhe os auxilios que acharam á mão. Passado um pouco, começou a tornar a si, mas alagada em pranto, e suffocada pelos suspiros. Queria fallar, e as palavras se lhe afogavam no peito: só proferia vozes soltas, phrases incoherentes. Por fim foi-se sentindo mais alliviada, mas traspassada de dor dizia:

— Meus Deus! é possivel.... é possivel!... Sim, não ha duvida.... queriam perder-me! Que dirá el-rei! Que dirá o mundo, o mundo inteiro, quando souber que cooperei em tão baixa e negra intriga!... E a minha honra.... a minha reputação!.... Não ha remedio.... perdi tudo!... O povo ha de tratar-me de leviana, os reis de traidora, e os que me fizerem mais favor de nescia!... Que vergonha, meu Deus!...

Foram necessarios todos os esforços dos circunstantes para a tranquillisar um pouco. Logo que o conseguiram, deixaram-na só, sem duvida entregue a bem tristes reflexões.

(Continúa).



Elephante de Oude.

ESTADO FINANCEIRO DA FRANÇA.

O ministro da fazenda de França acaba de publicar um relatorio sobre a situação geral dos rendimentos publicos do paiz. D'elle se conclue que do orçamento de 1856 ficaram disponiveis 106 milhões de francos (16.960 contos de réis), que serão transferidos ao exercicio de 1857. O orçamento de 1857 apresentava já uma sobra de 27 milhões (4:320 contos), que podem ser empregados em trabalhos extraordinarios para prevenir inundações. O orçamento votado para 1858 dava logar a prever-se que haveria n'elle uma sobra de 20 milhões (3.200 contos).

O total geral das descobertas da divida fluctuante era de 886 milhões (141.760 contos), aos quaes se devem juntar 78 milhões (12.480 contos) adiantados em 1852 pelo thesouro para pagamento dos que não acceitaram a conversão, o que faz uma divida total de 964 milhões (154.240 contos).

Quanto á divida consolidada, diz o ministro que está garantida pelo capital que os caminhos de ferro representam, e que deve reverter ao estado, findas que sejam as concessões de 99 annos; capital que já hoje representa mais de 4 milhares de milhões (640.000 contos), significando um rendimento bruto de mais de 300 milhões (48.000 contos); e que com o tempo ultrapassará a cifra da divida consolidada. Por esta garantia julgava que podiam supprimir-se as amortisações, e applicar o que se votava para ellas á extincção da divida fluctuante.

No relatorio allude-se muito ao crescimento dos impostos indirectos, e á facilidade das cobranças.

Será tudo assim? A divida fluctuante, depois de tal confissão, é que de certo não é menor. E com tal cifra haverá situação que possa ser favoravel? Todos os outros prospectos, por mais lisonjeiros que sejam, mal conseguem disfarçar-lhe a terribilidade. Como podem as relações financeiras conservar equilibrio e harmonia n'um paiz em que só a divida de que se não paga juro, anda por 155 mil contos?

Se porém as cousas estão tão bem, como nas regiões officiaes se julga, parece ser chegada a occasião de alliviar os contribuintes, ou ao menos de lhes não lançar mais impostos.

CAMELIAS.

(Camelia princession von Preussen).

Poucas plantas se encontram em nossos jardins, que mais queridas sejam das damas, do que as camelias. E de feito, se á camelia, ou *rosa do Japão*, como com muita propriedade lhe chama o vulgo, falta aquelle aroma que enlevá os sentidos, embalsamando e perfumando o ar, sobram-lhe outros dotes que a tornam altamente estimavel, como são a elegancia da fórma, o aveludado das folhas e pétalas, e o mimoso das côres, que os jardineiros mais curiosos e intelligentes tem sabido variar, e muitas vezes matizar na mesma flor. A difficuldade da sua cultura, os cuidados que demanda, e por ventura a epocha em que ostenta de ordinario todas as suas graças, tornando as camelias menos vulgares que outras flores, aliás não menos bellas, concorrem tambem em grande parte para o apreço que todos lhe dão.

Esta mimosa planta, que pertence á familia das laranjeiras, foi primitivamente trazida do Japão por um jesuita missionario, por nome Kamel ou Camelli. Na sua patria attinge proporções consideraveis; na



Camelia.

Europa, porém, é um arbusto que alcança a altura de dois a tres metros, quando muito.

Grandes esforços tem feito jardineiros e horticultores para variarem as especies de uma planta que ha merecido tão geral predilecção; e póde bem dizer-se que a cultura das camelias constitue por si só uma arte importante.

A variedade que a nossa estampa representa é uma das mais formosas que tem apparecido, e recebeu do habil horticultor, a quem se deve, o sr. Alfredo Topf, de Erfurth, nos estados prussianos, o nome de *Princeza da Prussia* por que é já hoje conhecida em toda a Allemanha.

A nova camelia distingue-se principalmente pela fórma ovóide das folhas e pétalas, terminando aquellas em bico, como se vê no desenho, e pela côr, que é branco-perola, com uns tenues raios de amarello desmaiado, partindo do centro da flor.

Em Portugal cultiva-se com bastante vantagem a *rosa do Japão*, mórmente nos jardins da cidade do Porto e suas visinhanças; e realmente ella merece que se lhe prestem serios cuidados, pois que cada flor, ainda mesmo de infima qualidade, tem valido, por vezes, no mercado da capital, 300 e 480 réis! Cumpre, porém, que, á imitação dos horticultores estrangeiros, os nossos, aproveitando todavia a ame-

nidade do clima, se não descuidem nem poupem desvelos e attenções, aliás os seus productos accusarão immediatamente a sua incuria e desleixos, perdendo toda a valia e estimação.

P.

OS TEMPLARIOS.

II.

O rei, a quem desde muito as riquezas dos templarios causavam ciume e inquietação, não foi sem intima alegria que entreviu um excellente pretexto para lhes arrancar os bens, que constituiam a sua força, e quebrar nas mãos de hereticos uma espada que começava a contrariar a sua. E além d'isso provavel que o tal segredo, sobre o qual todas as historias guardam silencio, fosse de natureza a despertar no coração do rei negras suspeitas das intenções dos templarios. A descoberta d'esta conspiração contra a segurança da egreja e do estado conservou-se algum tempo occulta. O rei fallou n'ella confidencialmente ao papa, porque era necessario o accôrdo dos dois grandes poderes, que então regulavam os destinos do mundo, para ousar atacar uma ordem tão consideravel. As revelações feitas aos ministros de Filippe, o *bello*, eram de tal natureza, que, segundo parece, o governo da egreja não estava menos ameaçado do que o do rei. Um historiador faz dizer ao delator, que este segredo era — «de tal importancia, que o rei devia colhêr d'elle mais vantagem, que da conquista de um novo reino.»

Chegando aos templarios o conhecimento da accusação, que em segredo lhes faziam, levaram seus clamores ao chefe da egreja, e reclamaram uma syndicancia. Diz-se que o rei temeu a irresolução do papa. E provavel que ainda mais temesse alguma alliança entre os queixosos e a corte de Roma. Effectivamente teria sido habil politica na egreja escorar suas pretenções e interesses temporaes n'uma força organisada, como a dos cavalleiros do Templo. O rei preveniu as eventualidades com um acto de energia. Dizem que um tal golpe d'estado (porque a providencia tomada contra os templarios tinha então esse caracter) fôra aconselhado pelo seu confessor, frei Imberto, dominico e inquisidor de França. Assegura-se que muitos templarios, advertidos dos designios do rei, se dispunham a evadir-se do reino com os seus bens, quando foram presos.

Se, como é licito crer, os cavalleiros do Templo tinham estatutos politicos, uma direcção, um fim; uma curiosa pergunta póde cada um fazer a si mesmo. Que podia a sua intervenção, junta ao poder da corte de Roma e ás emprezas dos infieis, mudar então nos negocios da Europa?

As circunstancias da prisão provam bem o temor que os templarios inspiravam ao governo. O rei fez chegar a todos os bailios e senescaes do reino confidenciaes, com prohibição, sob pena de morte, de as abrirem antes de um dia marcado. As cartas eram ordens para pegarem em armas, prenderem todos os templarios do districto, e transportarem-nos, bem guardados, ás fortalezas. Em 13 d'outubro de 1307 foi feita a vontade do rei.

O proprio grão-mestre da ordem, Jacques de Molay, gentilhomem de Besançon, que voltava de Chype, onde se distinguira nas guerras contra os infieis, e que, pouco tempo havia, viera de Poitiers ao Templo, em Paris, tambem foi preso.

O rei fez confiscar no reino todos os bens dos templarios. Apoderou-se logo do Templo, cuja torre era famosa. Para ella transferiu a sua habitação; n'ella recolheu o seu thesouro e o seu archivo.

Toda a questão está em saber, se, procedendo assim Filippe, o *bello*, não respondia a um trama com outro trama.

Que Filippe via nos bens dos templarios uma boa prêsa, prova-o superabundantemente o seu proceder, a pressa com que se foi estabelecer na propria casa do Templo, os actos arbitrarios que se seguiram ao golpe d'estado: por maior, porém, que então fosse a avareza dos reis, parece-nos difficil de admittir que um homem fraco (qual a historia nos pinta o caracter de Filippe, o *bello*) chegasse a taes excessos, sem ser provocado por temores, nascidos de revelações, que inquietassem a sua auctoridade.

Não seguiremos o processo instaurado aos templarios, em todos os desvios obscuros e sinistros da justiça do XII seculo.

As informações não deram nenhum resultado, ou deram resultados tão vagos, que parece que de ambos os lados se evitava a luz.

Accusavam os templarios de renegarem Jesus Christo no acto da sua entrada na ordem; de se entregarem, entre si, ás mais infames liberdades; de adorarem uma especie de idolo, que tinha grandes barbas, olhar terrivel, quatro pés, e estava então em Montpellier; de se darem a outras praticas supersticiosas e sacrilegas. Taes eram as confissões que o temor ou as promessas haviam extorquido.

O inquisidor Guilherme de Paris não arredava pé da instauração do processo a que presidia. E facil adivinhar que sombrias angustias não encobriam então apparencias tão legaes e tão inoffensivas. Desde o começo dos processos mais de sessenta templarios tinham succumbido.

O papa interveiu, e suspendeu tudo. Sendo a ordem do Templo um corpo religioso, dependente immediatamente da santa-sé, não devia o rei constituir-se seu juiz, nem confiscar-lhe os bens, nem prender as pessoas dos templarios. Tal foi o objecto de uma carta por Clemente V dirigida a Filippe, o *bello*. Roma, como veremos, não tratava de salvar os cavalleiros, mas só de estabelecer a dualidade dos seus direitos n'um negocio em que o rei de França se apressára a obrar só, para recolher todos os proveitos da destruição da ordem. O papa fazia sobresaír o descontentamento que tinha do inquisidor Guilherme de Paris; tratava a empreza real de attentado contra a auctoridade da santa-sé; e concluia suspendendo sobre este objecto a auctoridade dos prelados e dos inquisidores de França, avocando tudo ao seu tribunal.

Filippe, o *bello*, cedeu. Enviou alguns dos principaes do Templo a Poitiers, onde o papa estava então. Os infelizes compareceram em pleno consistorio. Invocavam contra elles as confissões que a persistencia dos interrogatorios, o silencio das prisões, o tormento da solidão, e até a tortura, que o inquisidor não poupára, lhes extorquira.

Satisfeito com ter chegado a obter participação nas consequencias do processo, o papa levantou a suspensão que impozera aos ordinarios e inquisidores de França, reservando apenas para si o julgamento do grão-mestre.

As historias ecclesiasticas dizem, que, desde esse dia, o rei empenhára todo o seu credito em mostrar o grande zêlo que o animava pelos interesses da fé, apertando mais e mais os templarios em todas as prisões do reino!

Entretanto continuaram a recolher informações. Enfraquecidos pelas vigilias, pelo processo, e pelo captiveiro, os templarios nem podiam suster-se em pé. Alguns, dos principaes, que deviam ser levados ao papa, estavam em tal estado de doença, que não poderam com a viagem, mesmo a cavallo. Comprehende-se bem, como homens, em similhante dispo-

sição de corpo e de espirito, fariam todas as confissões que lhes pedissem.

O grão-mestre da ordem, Jacques de Molay, tirado da prisão, foi conduzido ante os commissarios do papa. Perguntaram-lhe se tentava defender a ordem. Respondeu: — «que não era tão letrado, como convinha, para desempenhar-se d'isso; mas que faria todo o possivel, por mais difficil que lhe parecesse esta defesa posta nas suas mãos, quando estava prisioneiro do papa e do rei, sem ter cousa alguma, nem mesmo quatro dinheiros para alcançar provas, e não usando, como os outros cavalleiros, senão das cousas que lhe forneciam.» — Concluia pedindo soccorro e conselho, já que não tinha junto a si, para o ajudar com as suas luzes, senão um pobre irmão servente.

Responderam-lhe, que se lembrasse, que, em materia de heresia e de infidelidade, era preciso proceder simplesmente sem advogados, e sem ostentação de fórma judiciaria.

Á vista d'isto, porque não hão de os que, na tribuna, e fóra d'ella, atacam todos os dias as fórmas da justiça de 1793, convencer-se de que o terror politico foi então um reflexo do antigo terror religioso?

Ao menos era preciso que o grão-mestre, na sua qualidade de defensor, tivesse conhecimento do acto de accusação. Expuzeram-lhe os factos em lingua vulgar. Quando lhe leram os depoimentos e confissões, que diziam que elle tinha feito contra a sua ordem, em presença de tres cardeaes commissionados pelo papa, assignou-se duas vezes, manifestou a principio a sua admiração e indignação, e depois, recordando-se da sua profissão militar, e procurando com mão valente o logar da sua espada, exclamou: — «Se os commissarios, diante de quem fallo, fossem outra gente, saberia responder-lhes d'outro modo!»

Estas palavras perderam-se nas arcadas sombrias.

Os commissarios só poderam dizer: — «Que não eram pessoas para receberem reptos militares.»

Foi assim que o grão-mestre, tratando de calumniadores os que pretendiam alterar-lhe as confissões, appellava, a despeito das secretas fórmas do processo, para a justiça da historia. Se as confissões eram verdadeiras, se sobre tudo tinham sido obtidas sem violencia da bocca de Jacques de Molay, como pretendem escriptores parciaes, fôra em verdade mui facil, em tal circumstancia, confundil-o.

O pregoeiro renovou a formalidade, que mais denunciava a hypocrisia, que o desejo sincero de chegar ao conhecimento da verdade, convidando, como nos dias precedentes, a que comparecessem os que quizessem defender a ordem. Ninguem appareceu. Bem sabiam anticipadamente, que ninguem, á excepção dos accusados, ousára comprometter-se em similhante aventura.

O grão-mestre agradeceu aos commissarios ou juizes a demora que lhe tinham accordado. — «Era, dizia elle em estilo militar, descançar-lhe a brida em cima do pescoço.» Perguntado se queria defender a ordem, respondeu mais: — «Sou um gentilhomem sem letras: ouvi ler uma certa missiva apostolica, que dizia, que o papa se reservára o julgamento da minha pessoa e dos principaes templarios: assim restrinjo-me a isso. Estou prompto a ir prostrar-me na presença do papa; mas, sendo mortal, e restando-me pouco tempo a viver, rogo-vos convideis sua santidade a que me chame o mais depressa possivel. Não tenho senão uma palavra a dizer-lhe: trato de honrar Jesus Christo e a sua egreja, tanto quanto posso.»

Os templarios redigiram memorias, que espalharam por toda a França. Chamavam mentiras ás accusações feitas contra elles, e ás confissões dos seus confrades, obrigados pelo temor ou pela tortura a declarar-se culpados. — «A ordem dos cavalleiros da milicia do Templo é pura e mui estranha a esses horrores que lhe reprehendem. Estamos todos habilitados a defendel-a. Aquelles templarios que, vencidos pelos soffrimentos, ou seduzidos pelas promessas, depozeram mentiras contra si mesmos, são, ou gentes timidas e fracas, a quem o receio da morte e a prova dos tormentos arrancaram estes falsos depoimentos, que não podem levar a consequencias, nem contra a ordem, nem contra elles; ou, melhor, homens miseraveis, talvez corrompidos pelo dinheiro, ou pelas sollicitações, pelas promessas, ou pelas ameaças. Isto é tão notorio, que temos direito a pedir por Deus, que nos façam justiça, que nos livrem de uma longa e tão cruel oppressão, e que desde já nos admittam aos sacramentos da egreja.»

É tempo de dizer uma palavra sobre a mais grave das accusações feitas á ordem do Templo; queremos fallar d'essas abominações renovadas dos vicios das cidades malditas, ás quaes não cessam de alludir no seu processo. Que as ordens religiosas descaíssem n'esses vicios infames, comprehende-se: mas a ordem dos templarios, pela liberdade de que gozava, nem sendo claustro, nem sujeita a todas as conveniencias da vida monastica, devia ser mais isempta que qualquer outra, e a ultima a cair em taes aberrações. No caminho da Terra Santa, e fóra d'elle, havia em abundancia criadas de estalagem, e mulheres infieis, para poupar aos padres-soldados desvarios que, em geral, não nascem senão da impudente sequestração dos sexos. Devem-se, pois, considerar inverosimeis as accusações, despidas de provas, com que perderam aquella ordem tão notavel pelo resplendor do seu valor e das suas riquezas. Se assim o principal aggravo era supposto, que seria dos mais? Que deve dizer-se d'esse idolo com barbas, que os templarios adoravam, coberto pelas praticas religiosas?

Os principaes da ordem offereciam-se incessantemente a provar a sua innocencia. Pediam: — «Que se prendessem os apostolos da ordem, até que a verdade ou falsidade do seu testimunho fosse conhecida; e que nos interrogatorios dos templarios não admittissem seculares, para que a sua presença não intimidasse os accusados, gente mui accessivel ás influencias do medo.» Esta ultima circunstancia póde parecer estranha: nada, porém, ha que seja mais conforme ao que sabemos da natureza humana. Todos os dias vemos homens chamados de acção, que não curvariam a cabeça diante da metralha, perturbarem-se diante de juizes, e mostrarem, na presença das fórmulas da justiça, uma fraqueza, uma hesitação que contrasta com a sua bem conhecida coragem. Convem distinguir o que é coragem, do que é firmeza d'alma.

«Cousa inconcebivel (acrescentavam os templarios, alludindo a seus confrades seduzidos ou corrompidos), cousa injusta é que se ponha mais fé em falsarios, ganhos a preço de ouro, do que n'aquelles que tem supportado tantos males, e expiraram nos tormentos com a palma do martyrio!»

Só de uma idéa, de uma fé religiosa ou social é que se é martyr. Qual era essa idéa, essa fé, essa doutrina dos templarios? Quanto mais considerâmos o espirito geral do seculo XIII, as circunstancias d'aquelle processo, e as relações dos templarios com o oriente, mais nos convencemos de que ainda se não rasgou o véo do Templo. Das antigas sociedades da India, da Persia e do Egypto, tomára sem duvida aquella ordem o principio das iniciações. Tinha estatutos que se não descobriam; mysterios que se calavam; segredos reservados aos principaes da ordem, e guardados sob ameaças severas. De algumas circunstancias, de algumas confissões do processo, resultou estabelecer-se que os templarios se tinham

appropriado no oriente uma doutrina composta de reliquias do sabeismo, ou crença dos chamados christãos de S. João.

A egreja não tinha então só que luctar contra heresias, mas tambem que resistir ás antigas religiões, mortas sim desde muitos seculos, mas cujos phantasmas a perseguiam até no mesmo campo das suas victorias.

É sorte da espada caír sob o peso das idéas que combate. Encaminhando a ordem do Templo para a Palestina, creu a egreja fazer um acto politico, um acto de conservação, quando a christandade estava ameaçada pelas armas dos infieis. Succedeu, porém, que essa milicia religiosa, conservando e guardando sempre a cruz e as praticas exteriores, renunciou n'algumas cousas ao espirito das instituições catholicas. Exterminando os habitantes do mundo antigo, deixou-se vencer pelos seus deuses.

Um grupo de idéas vagas, de conhecimentos confusos, de tradições varias, de reminiscencias obscuras, era então coberto pelo antigo nome de cabala. Para se comprehender até que ponto a cabala era odiosa á egreja, é preciso dizer, que detraz d'este véo é que se refugiava o pensamento humano, a opposição á tyrannia religiosa. Reliquias de cultos, doutrinas destroncadas pelo vasto derrocamento do mundo oriental, praticas extravagantes sobrevivendo a deuses desapparecidos, tudo isto não era realmente, nem mui solido, nem mui terrivel; mas em todas estas ruinas esvoaçava um novo espirito de liberdade; e era d'esse espirito que a egreja degenerada tinha medo.

Os templarios cabalavam. N'isso consistia um dos seus crimes aos olhos do poder ecclesiastico. Filiando-se em antigos mysterios, os cavalleiros do Templo inclinavam-se a uma direcção moral e religiosa, que não era a da egreja romana. Que fosse costume dos templarios andarem por cima do crucifixo, na sua entrada na ordem, não o acreditâmos, a despeito das confissões, é verdade que arrancadas pela tortura. Comtudo, se a renuncia a Jesus Christo não vestia essas fórmas positivas e brutaes, é certo que pelas tendencias heterogeneas do seu ensino secreto, pela aliança do christianismo com as antigas religiões do oriente, pelas suas praticas mais ou menos inficionadas de magia, os cavalleiros do Templo, directa ou indirectamente alteravam a causa que defendiam com a sua espada.

O oriente, invadindo o occidente, é um dos factos mais importantes da edade-media. Contra esse diluvio de doutrinas, mais ou menos mysticas, mais ou menos materialistas, combatia a egreja sem piedade. Que os templarios desterrassem os infieis para o interior da Asia; que restabelecessem a liberdade de communicações com a Terra-Santa; que libertassem o sepulchro de Jesus Christo; era bom, e a egreja favorecia taes emprezas, e applaudia o seu zêlo militar. Mas a egreja via de mais alto e mais ao longe, que conquistas materiaes. A egreja sabia que as nações não são vencidas em quanto os seus deuses estão de pé; e porque temia os deuses do oriente, mais que as armas dos infieis, é que nunca pôde perdoar aos templarios terem feito com elles aliança. Isto quanto ás doutrinas religiosas.

Agora quanto ás tendencias politicas, a ordem do Templo parece ter sido concebida sobre o instituto de Pythagoras: importava o desinteresse dos membros, e sacrificio aos interesses da corporação. A sua influencia occulta extendia-se por toda a parte. Se é verdade que as luzes e as sciencias não eram ahi representadas como nas iniciações que se faziam á sombra dos templos egypcios; se os cavalleiros eram pela maior parte gentishomens sem letras que mais se occupavam em adestrar a mão, que em ornar o espirito; em compensação d'isso a ordem do Templo dispunha de uma força quasi soberana nas edades barbaras, a força das armas.

Concebe-se que a existencia de uma tão poderosa organisação militar, que não obedecia absolutamente, nem ao rei, nem á santa-sé, fosse para estas duas auctoridades objecto de incessantes desconfianças. Aquella maçonaria armada, com estatutos particulares, com uma direcção impenetravel, apoiada na terra e nas riquezas, podia vir a ser um serio obstaculo aos designios da corte de Roma e das monarchias europeas. Só lhe faltava um grão-mestre, dotado de algum genio e de força d'alma fóra do commum, para impor a sua influencia á sociedade. Temeria Filippe, o *bello*, que esse homem fosse Jacques de Molay? Tudo leva a crêl-o.

(Continúa).



AGOIE.

A gravura representa Agoie, deus de Guiné, adorado pelos negros de Juidah. Dizem que a sua estatua, collocada na cabana do grande sacerdote, obra, por intermedio do ministro, e de muitas bolas de terra que este lhe atira ao rosto, os mais prodigiosos miraculos. Agoie é preto como os seus adoradores; tem dezoito pollegadas d'altura, e está acocorado sobre um vaso encarnado. A sua posição, e a fórma de suas pernas e pés dão-lhe, pouco mais ou menos, o aspecto d'um sapo. O seu pescoço e as duas faces do vaso são ornados de panno escarlate. Vê-se-lhe sobre a cabeça uma flecha, uma meia lua, e quatro lagartos collocados pela ordem e posição que a estampa mostra. Muitos outros lagartos, pennas de passaros, serpentes, etc., partindo dos lados da flecha, como raios eguaes, completam este singular resplendor, cujo sentido allegorico se desconhece completamente.

Agoie é um idolo sem historia, que não pertence a alguma das mythologias tradicionaes, uma producção, em fim, do fetichismo.

N.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.